

A Semiótica Do Riso Na Comédia Stand-Up: A Sátira Do Contexto Nos Signos De Whindersson Nunes¹

Diego Frank Marques Cavalcante²

Unifanor Wydem, Fortaleza, CE

RESUMO

O propósito desse artigo é apresentar um método para analisar uma das lógicas do riso na Comédia Stand UP. Tomaremos o humorista Whindersson Nunes como objeto de análise. Para isso, nos serviremos do arcabouço epistemológico e metodológico da semiótica de Charles Sanders Peirce. O signo do riso representa seu objeto fazendo coexistir reconhecimento e estranhamento-satírico de modo a gerar surpresas aliadas à emoções positivas no processo de interpretação. Analisaremos sátiras estéticas e contextuais nos signos do riso produzidos por Whindersson Nunes.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, Semiótica do Riso, Stand-Up, Humor

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Jornalista, mestre em sociologia(UFC) e doutor em ciências da comunicação(USP). Professor de semiótica, teorias da comunicação e cibercultura na Unifanor Wyden.

Introdução

A problemática do riso vem mobilizando reflexões desde os gregos como Aristóteles (2008) até os mais recentes trabalhos em neurociências como em Weems (2016). Verena (1999), por exemplo, fez um importante trabalho destacando as principais abordagens do humor. Nesse sentido, não é nosso propósito destacar a amplitude das abordagens, mas antes destacar algumas que nos interessam no sentido de pensar uma semiótica do riso.

Na poética de Aristóteles (2008) é possível destacar a relação entre imprevisibilidade, criatividade e o riso. O filósofo classifica a comédia no escopo da poética. Para o pensador grego não importa ao poeta dizer o que aconteceu, mas antes o que poderia ter acontecido.

Por outros termos, o aspecto de insubordinação em relação à representação do real já pode ser percebido. Segundo Aristóteles (2008) a comédia está na esteira da poética, logo, também é conduzida pela perspectiva da manipulação de formas que subvertem a realidade. O riso para o filósofo grego derivaria dessa Transgressão. Segundo Morreal (1983), Aristóteles encabeça a perspectiva da incongruência do riso que é caracterizada por uma representação ridícula do real: ‘O sentido do humor é uma habilidade de perceber incongruências, o engraçado do cotidiano, escutar o duplo sentido de algumas palavras’ (SLAVUTZKY, p. 59).

O sentido do riso seria resultado, portanto, de uma forma de manipular os signos de forma criativa. Tal manipulação seria pressuposta pela ‘elasticidade’ das normas que caracteriza o espaço do humor segundo Cohen (2011). Segundo o aludido autor, no espaço do riso o pensamento age mais livremente dado o enfraquecimento das pressões sociais, logo, as associações ficam menos inibidas.

Essa manipulação de signos que quebra de pressão social tem um objeto, ou seja, quem é o alvo desse riso? Isso nos leva a outro aspecto do humor que obtém consenso entre os pesquisadores e humoristas: a teoria da superioridade. Segundo Albertini (1999), segundo essa abordagem, o riso seria efeito de uma sensação de superioridade diante do ridículo. Esse último entendido como torpe: como alguém levar uma queda, uma imitação de alguma deficiência, por exemplo.

Helitzer & Mel (2014) destacam que associado a o alvo deveriam estar a hostilidade, realismo, exagero, emoção e surpresa. Esses últimos aspectos, por sua vez, nos levam a outro consenso entre os pesquisadores a de que o humor: a descarga emocional. Segundo Slavutzky (2014), no humor o superego se dilui na sua incumbência de reprimir o eu e o deixa mais livre diluindo o peso dos traumas e, nesse sentido, seria uma atalho para liberar tensões do inconsciente.

Segundo Weems(2016) o humor é como o cérebro complexo reage diante de situações contraditórias. “[...]quando tentamos agarrar duas ou mais idéias inconsistentes ao mesmo tempo. Quando isso acontece nosso cérebro só tem uma coisa a fazer: rir” (WEMS, 2016, p.11). Isso ocorre quando o cérebro monta o quebra cabeça e percebe a lógica por traz da contradição obtemos. É como montar um quebra cabeça.

Ora, esse quebra-cabeça deriva de outra característica que é consenso entre os pesquisadores do humor: a contradição, ambigüidade e a incongruência. Segundo Pereira (2017), por exemplo, o humor derivaria, sobretudo, da contradição. O humorista português cita seis formas de fazer isso: opor uma coisa a outra, imitar uma coisa, virar uma coisa de pernas para o ar, aumentar uma coisa, mudar uma coisa para outro sítio e repetir uma coisa.

Bergson (1983) também destaca os aspectos contraditórios como importantes para o riso como a situação invertida: o riso provocado pela inversão de situações ou de papéis que fogem ao que é padrão, as expectativas são quebradas justamente pelo que lhes é oposto; a interferência recíproca: a causa do riso sendo a ambigüidade, ou seja, as diferentes interpretações que algo pode ter, mas pertencendo a dois eventos simultâneos e independentes; o absurdo: nesse caso, o riso é resultado de reações inesperadas, não intencionais, geralmente através do uso de estereótipos.

Essa ambigüidade, por sua vez, só pode ser percebida porque há um contexto social que está sendo “subvertido”. Nesse sentido, o riso é sociocultural, ou seja, deriva da quebra das normas que aprendemos em nosso contexto. Bergson (1983) faz uma reflexão sobre o riso e o insere dentro de uma lógica social. Para o autor, o riso tem a função social de causar embaraço, podendo este ser psicológico ou físico. Ele classifica o riso como: a) uma condição do homem; b) precisa do coro social; c) exige a ação da inteligência.

Para além de ser sociocultural o riso também é individual posto que se emoções negativas forem associadas ao objeto do riso este será inibido posto que o dispositivo biológico emocional nos leva ao comportamento de ataque ou fuga (DAMÀSIO, 2000).

Não é nosso propósito fazer um panorama dos diferentes autores, mas antes destacar alguns consensos sobre o riso na medida em que poderiam ser inseridos no processo de semiose, ou seja, na ação do signo posto que essa é a problemática que anima a escrita deste artigo.

Poder-se-ia, portanto, destacar quatro aspectos principais sobre o processo do riso: a) é fruto de um processo criativo; b) esse processo criativo deforma o objeto de modo a torná-lo ridículo; c) torna o objeto um alvo; d) esse processo gera uma representação heterodoxa do objeto; e) que resulta em uma mensagem contraditória, ambígua, estranha ou incongruente; f) a confusão e a resolução dessa ambigüidade gera o riso; g) para fazer sentido é preciso estar situado em um contexto sociocultural h) em um espaço acordado para riso; i) que não traga consigo emoções que despertem a fuga e o ataque.

Como pensar esse processo ponto de vista semiótico? A partir dessa hipótese como, então, analisar o riso? De forma específica, neste artigo, nos interessa o Stand-UP que é uma comédia feita de “cara limpa”, sem assessórios, cenários e que se utiliza de elementos cotidianos para produzir o riso. Destacaremos a performance do comediante Whindersson Nunes que é um consagrado humorista piauiense na prática do Stand-up. Nesse sentido, faremos uma apresentação da semiótica para em seguida propor uma semiótica do riso e sua análise.

1. A semiótica de Charles Sanders Peirce

A semiótica é a ciência que tem como objeto os processos de significação. Na abordagem proposta por Charles Sanders Peirce esse processo se desenvolve por meio da relação entre os três correlados: fundamento do signo, a relação do fundamento com o objeto e seu efeito interpretante.

A semiótica está inserida em uma ampla arquitetura conceitual desenvolvida por Charles Sanders Peirce. Este quadro pode ser assim apresentado: 1. Matemática; 2. Filosofia; 2.1 Fenomenologia; 2.2 Ciências normativas. São três as ciências normativas: 2.2.1 Estética; 2.2.2 Ética e 2.2.3 Semiótica. Da mesma forma, são três os ramos da semiótica: 2.2.3.1 Gramática especulativa; 2.2.3.2 Lógica crítica, 2.2.3.3 Retórica

especulativa. Peirce propõe ainda a Metafísica 2.3 e as ciências especiais 2.4 (CP 1.991-1.99). Neste artigo, no entanto, não nos interessa detalhar os ramos da semiótica ou suas relações com as outras ciências ou quase-ciências propostas por Peirce, pesquisadores da obra de Peirce como Romanini (2006), Santaella (1995) ou Ibri (1992), por exemplo, já o fizeram com ampla competência.

Interessa-nos, nesse primeiro momento, compreender apenas o processo de semiose do riso, ou seja, qual o significado propriamente risível? Qual sua lógica? Para isso, portanto, destacaremos a fenomenologia que é a quase-ciência que fundamenta a semiótica bem como a primeira parte da gramática especulativa: aquela que classifica os principais tipos de signos relacionados ao processo de semiose.

Para entender a trama da semiose é necessário partir da fenomenologia. Isso porque as três categorias propostas por Peirce retornam em toda arquitetura filosófica, sobretudo, em sua semiótica. As três categorias são: primeiridade (Firstness), secundidade (Secondness) e terceiridade (Thirdness). Estas podem ser compreendidas como finos esqueletos, tons, ou estruturas lógicas das aparências que, por meio das suas relações, tornam possível estudar qualquer phaneron. São três as categorias:

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outro. Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é relatado a um segundo, mas independente de qualquer terceiro. Terceiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, pondo um segundo e um terceiro em relação um com o outro [...] Designo essas três ideias como categorias cenopitográficas (PEIRCE, 1998, p.168).

A terceiridade como categoria da mediação, regularidade, mente, inteligência caracteriza a ação do signo, fazendo, portanto, a conexão da fenomenologia com a semiótica. É importante destacar que a secundidade envolve a primeiridade assim como a terceiridade envolve as duas categorias precedentes. Nesse sentido, seria interessante falar em predominância de uma dada categoria na expressão dos fenômenos do que vislumbrar sua manifestação pura. Essa lógica também permeia a semiótica.

Peirce (1998) apresenta pequenas variações sobre sua definição de lógica ou semiótica. Em geral, o autor destaca este ramo como a ciência que estuda o caráter representativo dos signos em relação aos seus objetos. Esta representação é pensada como uma mediação inteligente que tem como objetivo tornar eficientes as relações entre o objeto e sua representação. Interessa à lógica, portanto, estudar como deveria funcionar o signo para que tivesse um determinado efeito significativo. "A lógica é a ciência das leis (quase) necessárias gerais dos signos e, especialmente, dos símbolos"

(PEIRCE, 2008, p. 29). "A lógica classifica os argumentos, e ao fazê-lo reconhece diferentes espécies de verdades" (PEIRCE, 1998, p. 200).

Em uma sentença: a semiótica poderia ser compreendida como o estudo da ação do signo ou semiose. Peirce (1998), em diferentes textos, descreve diferentes gradações de detalhamento sobre a ação do signo. O conceito mais simples e difundido poderia ser assim sintetizado: signo é uma coisa (fundamento do signo) que está no lugar de outra (seu objeto) para uma terceira (seu interpretante). A ação do signo ou semiose, portanto, se desenvolve na relação entre seus três correlatos sîgnicos: signo, signo em relação ao objeto e efeito interpretante do signo em uma mente. Semiose é sinônimo de comportamento inteligente, evolução, crescimento, processos adaptativos. É nesse sentido que a função do signo deve tornar eficientes as relações ineficientes, possibilitar o acréscimo de conhecimento. Nesta relação, predomina o caráter triádico-mediativo do signo.

Peirce (1998) divide a semiótica em três ramos: gramática especulativa que é o ramo da semiótica que se preocupa em estudar como deveriam funcionar os signos para gerarem significados; a lógica crítica que se preocupa em extrair de forma eficiente por meios dos diferentes tipos de argumento conhecimento do signo; e a retórica especulativa que pode ser compreendida como a análise das relações mentais desenvolvidas a partir dos signos ou de uma forma mais abrangente uma metodologia para as ciências.

Tendo em vista compreender os processos de significação do riso destacaremos a gramática especulativa, de forma específica, a classificação dos três correlates do signo (fundamento, fundamento em relação ao objeto e efeito interpretante) bem como as dez classificações dos signos que derivam da combinação dos correlados seguindo a lógica da fenomenologia.

Peirce (1998) divide o primeiro correlato em quali-signo, sin-signo e legi-signo seguindo a lógica fenomenológica. Nessa tricotomia, privilegia-se a estética do signo, ou seja, seu modo específico de apresentação da mensagem. Nesse sentido, trata-se dos potenciais qualitativos de apresentação do signo (quali-signo), suas manifestações singulares (sin-signo) bem como os padrões, regras e leis que influenciam os aspectos regulares do signo (legi-signo). Lembrando que essa trama segue a lógica fenomenológica, ou seja, Legi-signo para se atualizar precisa dos sin-signos assim como

esses dos quali-signos. Segundo Santaella(Semiótica aplicada), privilegiar o primeiro correlato significa dar relevo a capacidade significante do signo.

No Segundo correlato Peirce (2008) se preocupa em descrever o modo como o signo se relaciona com seu objeto. Também seguindo a lógica da fenomenologia são três modos: ícone, índice e símbolo. O ícone é quando o signo sugere seu objeto porque se assemelha a ele, ou seja, as qualidades do fundamento do signo se assemelham as qualidades do objeto. Como um assobio posse se assemelhar ao som de um passarinho e, por essa razão, significar um passarinho.

O segundo modo do signo substituir seu objeto é o índice. Esse processo de significação é estabelecido quando existe uma relação direta entre signo e objeto, ou seja, quando há um impacto, ação-reação entre o signo e o objeto que está sendo indicado. Como no caso do ‘véu’ branco que se forma no casco da cerveja. Ele indica que a cerveja (objeto) está muito gelada isso porque há uma conexão direta entre o véu que se forma no casco e a temperatura do líquido. O terceiro modo do signo se relacionar com o objeto é o simbólico. Nesse modo, o signo se conecta com seu objeto graças a uma convenção, lei ou hábito como uma logo representa uma dada empresa por convenção.

A terceira tricotomia é a do interpretante, ou seja, os efeitos do modo como o signo substituí seu objeto em uma dada mente. O primeiro tipo de efeito é o remático que Peirce (2008) chama de signo da essência. Isso porque o privilégio do efeito interpretante é na própria aparência do signo, ou seja, na sua estética. Nessa trama, o objeto é meramente sugerido (ícone) tendo que ser investigado a partir de hipóteses.

O segundo efeito é o discente. Trata-se do efeito mental derivado de uma relação indicial entre signo e objeto, ou seja, chama a atenção para um determinado contexto-objeto formando uma proposição, ou seja, conecta um objeto (elemento substituído pelo signo) com dados predicados (fundamento do signo).

O terceiro signo-interpretante é um argumento. Trata-se de extrair conclusões de um signo porque o interpretante conhece as convenções subjacentes (símbolos) na aparência do signo. O silogismo Barbara é um exemplo. Todos os homens são mortais (Símbolo-premissa), Pedro é Homem (réplica do símbolo, termo médio), logo, é mortal (conclusão).

A partir das três tricotomias Peirce estabelece as dez classes de signos que não é nada mais do que a descrição do processo de semiose a partir da combinação lógica dos

três correlatos dos signos de acordo com a lógica fenomenológica, por exemplo, se o fundamento do signo é um quali-signo, então, ele só pode se relacionar com seu objeto por meio de similaridades (ícones), logo, o efeito interpretante deve ser remático. Ter-se-ia, portanto, um quali-signo-icônico-remático.

Interessa-nos destacar duas classes de signos: Legi-signos-icônicos-remáticos e Legi-signos-inciduais-discentes porque são as classes que tomaremos como caminho para analisar os signos do riso produzidos por Whindersson Nunes.

Os primeiros são hábitos de apresentação (legi-signo) que se assemelham com seus objetos e, logo, tem efeitos remáticos. Já o segundo são padrões de apresentação que indicam seu objeto e que por isso geram proposições na mente, ou seja, conexões do predicado com um dado objeto. Nossa hipótese é de que essa classe de signo seria a predominante na comédia Stand-up e ,logo, na performance de Whindersson Nunes.

Como, portanto, o humor poderia ser compreendido do ponto de vista semiótico? Como seria a semiose do riso? Como esse processo de significação poderia ser compreendido na performance de Whindersson Nunes?

2. O signo do riso: a sátira do contexto em Whindersson Nunes

De princípio especularemos sobre como deveria funcionar o signo do riso a partir dos aspectos da gramática especulativo que destacamos no tópico precedente. Tal esforço explicativo deriva da problemática: o que é risível do ponto de vista semiótico?

Nesse sentido, é preciso destacar os aspectos do risível (apresentados na introdução do artigo) para depois pensá-los do ponto de vista semiótico. Sintetizaremos os aspectos em três principais em consonância com as categorias fenomenológicas que fundamentam a semiótica.

De princípio uma hipótese geral do que seria uma semiose do riso. Poder-se-ia sintetizar os aspectos gerais do riso a partir dos seguintes termos: a) o riso é efeito de um processo criativo, ou seja, uma poética; b) Tal criação corrompe a representação normativa de seu objeto produzindo uma sátira do mesmo; c) Essa relação gera uma mensagem ambígua; d) Tal subversão só pode ser entendida graças a inserção em um contexto sociocultural e político; e) bem como em um espaço acordado para o riso; f) o riso se desenvolve quando não há emoções negativas que impeçam a abertura para o objeto; g) gera uma descarga energética.

Poder-se-ia sintetizar essas relações em uma sentença: o riso é efeito (descarga energética) de um sentido caótico- dúbio-incongruente que é interpretado por uma pessoa ou grupo. Tal efeito interpretante deriva de uma poética (manipulação de formas) que subverte as representações convencionais de um objeto em um contexto sociocultural de modo a não trazer emoções tristes para aquele que ri. Esse processo se desenvolve em um espaço compactuado de dissolução do poder e potencializado pelo reconhecimento do emissor do signo enquanto sujeito engraçado.

Nosso problema, portanto, é especular como esse processo poderia ser compreendido dentro da lógica da semiose. Por outros termos, como funcionaria o signo do riso? Por que ao substituir uma coisa (fundamento), por outra (seu objeto) se produz um efeito de riso no interpretante.

Poder-se-ia apresentar a seguinte hipótese: o signo do riso é caracterizado quando sua estética (fundamento do signo) se relaciona com seu objeto (aspectos que são substituídos pelo signo do riso) de modo a corromper as relações normativas entre eles de modo a gerar uma ambigüidade na mensagem. Essa ambigüidade só pode ser percebida quando o interpretante comunicacional- que é o conhecimento em comum entre emissor e receptor- possibilita ao mesmo tempo o reconhecimento das conexões normativas e sua subversão. O interpretante comunicacional também estabelece o espaço da piada e o reconhecimento do emissor como comediante.

O efeito interpretante do riso se desenvolve, portanto, quando se reconhece a conexão normativa (relação habitual entre signo e objeto) e ao mesmo tempo a proposição na nova associação (promovida pela poética do riso). Quando essa contradição é solucionada e não se apresenta associada com emoções negativas o processo de sentido, ou seja, uma conexão entre signo-objeto e interpretante teria como efeito interpretante o riso.

Assumimos a hipótese que o interpretante comunicacional estaria envolvido tanto com o fundamento do signo (sua estética-significação) como sua relação com o objeto (representação). Nesse sentido, o sentido do humor pode está de forma dominante na estética do signo ou na sua relação com o objeto.

Na estética do riso as características do signo do humor estariam de forma predominante da apresentação do signo, ou seja, a criação-deformação estaria prioritariamente na deformação e reconhecimento da aparência do signo de modo que a ambigüidade é estética.

Em uma imitação, por exemplo, o comediante produz o riso por fazer uma caricatura dos gestos, sons, trejeitos do sujeito imitado de modo que o interpretante reconhece o original pelas sugestões dos signos e ao mesmo tempo a subversão da normalidade da aparência. Trata-se de um legi-signo porque se estabelece um padrão no modo de apresentar as aparências, icônico porque as qualidades do indivíduo a ser imitado. O efeito predominante é remático posto que o riso deriva, sobretudo, da apresentação do signo e não do que o mesmo representa. Trata-se de um riso-estético. Em Cavalcante (2018) analisamos essa lógica do riso a partir da performance do palhaço Tiririca.

Interessa-nos nesse artigo propor outra lógica do riso. A que seria descrita como um legi-signo-indicial-dicente. Legi-signo porque tratar-se-ia do hábito do signo-riso que organizaria a apresentação das qualidades do signo: a lógica do riso que descrevemos acima.

Se o riso icônico tem predominância estética o riso-indicial tem o privilégio na ética- contexto. Quer isso significar que o riso derivaria do modo como o signo indica um contexto e seus valores ao mesmo tempo apresenta sua subversão: tratar-se-ia de uma sátira contextual. O efeito interpretante é discente posto que o riso deriva da conexão do predicado(signo) com seu objeto, sua subversão posterior reconhecimento.

Nesse sentido, poder-se-ia apresentar o seguinte método. No primeiro momento a análise estética do riso posto que o legi-signo-indicial discente traz consigo um icônico remático, ou seja, uma dimensão estética.

Para analisar a produção estética do riso de um humorista, portanto, propomos o seguinte procedimento:a) observação dos sin-signos (as manifestações singulares na performance do humorista); b) identificar os aspectos regulares que possibilite indentificar os legi-signos (hábitos) c) que permitirão compreender a mente estética do humorista, ou seja, o modo específico que organiza as qualidades dos signos e faz coexistir reconhecimento e estranhamento.

Para analisar o aspecto indicial-discente do Legi-signo do humor é importante destacar alguns aspectos. O primeiro a relação com as ciências normativas. Se o fundamento do signo se relaciona com a estética na relação com o seu objeto o privilégio é da ética relacionada ao contexto. É nesse sentido que Peirce (2008) também define o índice como ambiente em comum.

Nesse sentido, o signo do riso indicial-discente aponta um determinado contexto e sua subversão e o riso deriva do reconhecimento dessa relação deste que essa não evoque sentimentos negativos. Tratar-se-ia de uma sátira do contexto como um dos aspectos dominantes no riso em Stand-up. Para compreender esse processo de semiótica vamos investigar o processo de significação do riso na performance de Whinderson Nunes.

Para analisar o Legi-signo-indicial-dicente é preciso destacar o contexto para qual o índice chama a atenção. Tratar-se-ia de destacar: a) termos envolvidos, suas conexões bem como os valores envolvidos b) quais desses aspectos são satirizados; e c) a relação de estranhamento e reconhecimento entre o contexto original e sua sátira.

A partir a observação da performance de Whindersson Nunes destacaremos um dos modos pelos quais o humorista faz a sátira do contexto. Trata-se do ambiente familiar. Nessa trama, os termos envolvidos são as relações entre os irmãos e a mãe. E os valores envolvidos são os das famílias no qual a mãe exerce uma relação de dominação forte sobre os filhos. Trata-se de uma moralidade que avalia o mundo de uma forma conservadora, ou seja, no sentido de marginalizar aspectos estéticos dissonantes do tradicional. Para compreender essa lógica destacaremos uma passagem de seu show marminino³

Você só pode levar pra casa amigo que sua mãe conhece. Geralmente ela conhece três: cabra tem cinco mil amigo e ela conhece três. Geralmente você não é nem amigo dessas pessoas que ela conhece. Sabe o nome, saque quem é o pai, quem é a mãe, sabe onde é que mora. Fora esses três amigos qualquer um que você recebe na sua casa ela recebe com uma desconfiança tão grande.

– Mãe esse aqui é meu amigo Barack Obama?.

– Tudo bem, Obana?! Como é que ta?! Pronto! De brinco, né Obama?!? Eu não digo é nada!

Ela olha pra você por uns quinze segundos e faz essa vergonha aqui. Ela olha e fica assim, ó!

- Whinderson vem cá!

Pobrezinho não senta, não pede água, não faz nada.

- Quem é esse menino Whinderson!

- Mãe é um amigo meu!

- Engraçado que eu não conheço esse menino. Eu tenho pra mim que ele é envolvido é com droga!

³ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eYfFDaPdkWc&t=1701s> acesso em 17-04-2019.

A primeira dimensão do signo-riso é estética. Há um Legi-signo, ou seja, um hábito que organiza as qualidades criando uma dada expectativa que está relacionada mães ignorantes-brutas: uma entonação que se assemelha a gritos, gestos desconfiados, olhares intensos e curiosos, movimentos questionadores. Whindersson consegue produzir signos que se assemelham a essas qualidades.

A coexistência da aparência do comediante com os legi-signos de uma mulher “bruta” geram a ambigüidade estética e, logo, o riso remático. Por outros termos, é a coexistência do comediante com a aparência de uma mãe-ignorante que geram a contradição estética. É a relação entre surpresa-estranhamento e reconhecimento estético.



Whindersson imita as expressões das mães que “encaravam” os coleguinhas alvos da desconfiança materna.

Um segundo nível do riso apresentado pelo Legi-signo produzido por Whindersson é uma relação indicial- discente. Isso porque os predicados apresentados por Whindersson estão conectados com um contexto que o autor também satiriza, ou seja, indicam, apontam para um contexto. Trata-se do contexto de casas comandadas por mães, logo, estas estabelecem morais que nesse caso são conservadores.

No caso da réplica aqui trazida seria uma moral que conecta qualidades como brincos, tatuagens ou roupas de rock como marginais e envolvidos com atitudes ilícitas. Whinderson, portanto, faz uma sátira desses valores contextuais, ou seja, promove o

reconhecimento desses valores ao mesmo tempo em que os exagera. O riso, portanto, derivaria da coexistência do reconhecimento do contexto e de seu estranhamento pela sátira.

O exagero fica por conta da celebridade do seu amigo: ‘Mãe esse é meu amigo Barack Obama’ Pronto[...] De brinco Né, Obama?![...] Eu não digo é nada!’’. O fato de ser o então presidente dos Estados Unidos pouco importa se esse usa brinco. Nesse processo, portanto, a moral é satirizada a partir da potencialização dos termos que são julgados por esse esquema de valoração. ‘Eu tenho pra mim que ele é envolvido é com droga’.

Trata-se, portanto, de um efeito de riso discente posto que a sátira é feita nos valores conectados a uma dada proposição, ou seja, a atribuição de valor marginal e ilícito ao presidente dos Estados Unidos por este usar brinco. Nesse sentido, há uma coexistência do contexto ‘exagerado’ com o reconhecido pelo público derivando o riso discente.

Considerações Finais

O propósito desse artigo foi fazer mais um esforço no sentido de compreender o riso do ponto de vista semiótica. Assumimos o caráter ainda embrionário do projeto, no entanto, isso só nos anima para continuar a pesquisa pela investigação de outras lógicas do riso. Nesse artigo, foi proposto a compreensão do riso do ponto de vista estético e contextual a partir da performance de Whindersson Nunes que estaria dentro do contexto das lógicas da comédia Stand-UP.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, V. O riso e o risível na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Ed. FGV, 1999.

ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Trad. A. P. de Carvalho. Introdução e notas J. Voilquin e J. Capelle. Estudo introdutivo G. Telles Jr. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 2008.

BERGSON, H. O riso. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CAVALCANTE, Diego. O signo do Risível: Uma Análise Semiótica do Riso No Desempenho do Palhaço Tiririca. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro–BA– 5 a 7/7/2018

HELITZER, MEL. Como escrever humor. Rio De Janeiro. Gryphus, 2014.

MINOIS, George. História do riso e do escárnio. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da Unesp, 2003

MORREALL, John. Taking laughter seriously. Albany: The State University of New York, 1983.

IBRI, Ivo Assad. Kósmos Noetós - A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva/Hólon, 1992.

PEIRCE, Charles Sanders. The collected papers of Charles Sanders Peirce. Electronic edition. Vols. I-VI. C. Hartshorne & P. Weiss (eds.). Charlottesville: Intele Corporation. MA: Harvard University, 1931-1935.

_____. Antologia Filosófica. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 1998.

_____. Semiótica. São Paulo, perspectiva, 2008.

ROMANINI, Anderson Vinícius. Semiótica minuta- especulações sobre a Gramática dos signos e da comunicação a partir da obra de Charles S. Peirce (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. A teoria geral dos signos. São Paulo: Ática S.A, 1995.

SLAVUTZKY, Abrão. Humor é coisa séria. Porto Alegre: Arquipélogo Editorial, 2014.

WEEMS, Scott. Ha! The science of when we laugh and why. Nova York: Basica Books, 2014